

A falta de vagas nas creches



Benjamin Ribeiro*

A educação brasileira é um eterno tema em discussão. Os resultados das pesquisas internacionais demonstram que ainda temos muito a avançar e conquistar para nos igualarmos aos padrões de outros países. Tenho debatido muito e defendido o aprimoramento da educação básica, pois é na primeira idade que a criança forma seus conhecimentos e se prepara para a vida.

Um dos grandes entraves é a falta de vagas nas creches. Por volta da década de 1970, com o aumento do número de fábricas, foram iniciados os movimentos de mulheres e a luta por creches, resultando na necessidade de se criar um lugar para os filhos da classe operária. Surgiram daí as creches com um foco meramente assistencialista, com o único intuito de cuidar da criança. So-

mente a partir da Constituição de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 é que a educação infantil foi colocada como a primeira etapa do ensino básico no Brasil, abrangendo as crianças de 0 a 6 anos, dando-lhes maior valorização e perdendo seu aspecto assistencialista, assumindo um papel pedagógico.

Segundo balanço divulgado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, no último mês de maio, a cidade de São Paulo tem uma fila de 111 mil crianças de 0 até os 4 anos de idade aguardando vaga em creches. As 364 instituições municipais e as 1.258 conveniadas, hoje, atendem a 208.935 crianças, número inferior ao registrado em dezembro do ano passado, 214.094, uma vez que a procura por berçários foi maior.

Como se pode notar, a participação da iniciativa privada é fundamental e, se não fossem as conveniadas, o caos na educação infantil, em São Paulo, seria total. Mesmo assim, essas entidades particulares têm sofrido uma campanha muito forte por parte de alguns setores dos sindicatos de funcionários públicos que querem simplesmente o fim dos convênios de creches e de educação infantil. Sem mencionar a qualidade do ensino, há que se ressaltar que a Prefeitura não teria condições nem prédios su-

ficientes para acomodar as crianças que perderiam suas vagas nas conveniadas.

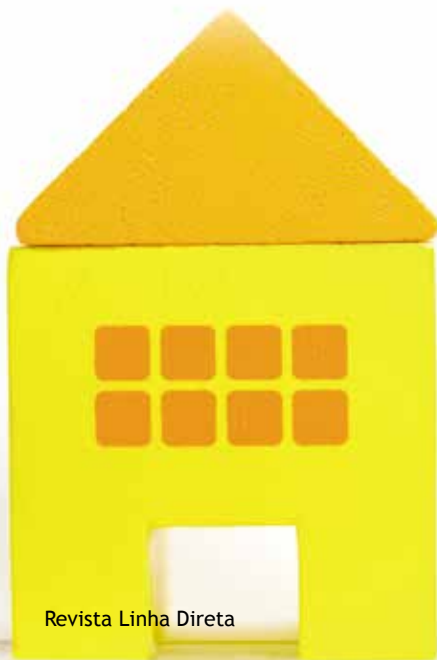
É necessário destacar, também, que os trabalhadores das creches conveniadas têm jornada maior e salários menores, mas o repasse de verbas por parte da Prefeitura tem sido insuficiente para garantir uma melhoria no atendimento. E mais: um aluno matriculado em uma escola da Prefeitura custa muito mais do que um que estuda em uma conveniada, ou seja, particular.

A promessa do prefeito Fernando Haddad é criar 150 mil vagas de educação infantil até 2016, com a construção de 243 creches para 50 mil crianças e com convênios. O ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmou, recentemente, que o Brasil tem condições de conseguir matricular 100% das crianças a partir de 4 anos na escola até 2016 e que dará todo o apoio às prefeituras para garantir as vagas e para formar e contratar professores.

É ver para crer, pois a educação brasileira não pode sofrer com as mudanças de planos e projetos ao sabor das autoridades de plantão. ■

*Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp)

benjamin@einstein24h.com.br



©Helder Almeida/Photoxpress